

LISA KLEYPAS

ATÉ QUE
CONHECI VOCÊ



CLUBE DE APOSTAS CRAVEN'S

LIVRO 1



CAPÍTULO 1

Londres, 1820

– **M**aldição, maldição... Lá se vai essa porcaria! Uma torrente de impropérios flutuou ao vento, deixando os convidados da festa no barco totalmente chocados. A embarcação estava ancorada no meio do Tâmis, todos reunidos ali em homenagem ao rei George. Até aquele momento, a festa tinha sido monótona mas digna, e todos elogiavam respeitosamente o barco a vela tão bem equipado de Sua Majestade. Com a mobília de mogno elegante forrada em brocado, candelabros com gotas de cristal, esfinges douradas e leões esculpidos em cada canto, o barco era um palácio flutuante de deleite. Todos os convidados haviam bebido muito para alcançar a euforia branda que substituía o prazer verdadeiro.

Talvez a reunião estivesse sendo mais divertida se a saúde do rei não se encontrasse tão mal. A morte recente do pai e o tormento debilitante de uma gota haviam cobrado o preço, deixando-o acobardado, o que não lhe era característico. Agora, ele procurava a companhia de pessoas que lhe proporcionassem risadas e diversão, para aliviar a sensação de isolamento. Por isso, havia solicitado especificamente a presença da Srta. Lily Lawson na festa a bordo. Era apenas questão de tempo, ouviram um jovem e lânguido visconde comentar, até que a Srta. Lawson começasse a animar a festa. Como sempre, ela não decepcionou.

– Alguém pegue aquela porcaria! – gritou Lily em meio a sonoras gargalhadas. – As ondas estão levando para longe do barco!

Gratos pelo alívio do tédio, os cavalheiros correram para descobrir o motivo da comoção. As mulheres protestaram, irritadas, quando seus acompanhantes desapareceram na proa do navio, onde Lily havia se pendurado na amurada, os olhos fixos em algo que flutuava na superfície da água.

– Meu chapéu favorito – disse ela, em resposta ao coro de perguntas, ao mesmo tempo que indicava o acessório com a pequena mão. – O vento o arrancou da minha cabeça!

Lily se virou para a multidão de admiradores, todos prontos a oferecer consolo. Mas ela não queria empatia, e sim o chapéu de volta. Sorrindo com malícia, a jovem olhou de um rosto para outro.

– Quem terá a atitude cavalheiresca de recuperá-lo para mim?

Ela própria havia jogado o chapéu no mar, de propósito, e sabia que alguns dos cavalheiros ao redor desconfiavam disso – o que, ainda assim, não impediu a profusão de ofertas galantes.

– Permita-me! – gritou um homem enquanto já tirava o chapéu e o paletó com gestos dramáticos.

– Não, eu insisto em ter o privilégio!

Seguiu-se um rápido debate, pois ambos desejavam cair nas graças de Lily. Mas a água estava bastante turbulenta naquele dia, além de fria o suficiente para provocar um resfriado que ameaçaria a saúde de quem se arriscasse. E, sobretudo, mergulhar seria a ruína de um paletó caro e feito sob medida.

Lily assistia à comoção que havia causado, os lábios se curvando em uma expressão divertida. Como preferiam o debate à ação, os homens estavam se exibindo e fazendo declarações galantes. Se alguém estivesse mesmo disposto a resgatar o chapéu, já o teria feito àquela altura.

– Que visão – murmurou ela para si mesma, observando a disputa entre os dândis.

Lily teria respeitado um homem que tivesse a coragem de lhe mandar para o inferno, que nenhum chapéu valia tanto alarde, mas nenhum deles ousaria. Se Derek Craven estivesse ali, teria rido dela, ou feito algum gesto grosseiro que a levaria às gargalhadas. Derek e Lily tinham o mesmo desprezo pelos membros indolentes, excessivamente perfumados e afetados da alta sociedade.

Com um suspiro, ela voltou a atenção para o rio cinza-escuro agitado sob o céu pesado. O Tâmis era insuportavelmente frio na primavera. Ela levantou o rosto diante da brisa, os olhos semicerrados, como um gato sendo acariciado. Seu cabelo foi temporariamente alisado pelo vento, mas logo os cachos negros e brilhosos voltaram à desordem alegre de sempre. Em um gesto distraído, Lily tirou a fita com pedrarias que estava amarrada ao redor da testa. Seu olhar seguiu as cristas das ondas que quebravam na lateral da embarcação.

“Mamãe...”, ouviu uma vozinha sussurrar.

A lembrança fez Lily se encolher, mas não desapareceu.

De repente, imaginou que sentia braços macios de bebê envolvendo seu pescoço, fios de cabelo delicados roçando seu rosto, o peso de uma criança em seu colo. O sol quente da Itália na nuca. Os grasnidos e a agitação de um desfile de patos cruzando a superfície do lago.

“Veja, querida”, murmurou Lily. “Veja os patos. Eles estão vindo nos visitar!”

A garotinha contorceu o corpo, empolgada. Então, levantou a mão gordinha e com o minúsculo dedo indicador apontou o desfile dos presunçosos patos. Depois, ergueu os olhos escuros para Lily e deu um sorriso que revelou dois dentinhos.

“Ato!”, exclamou, e Lily riu baixinho.

“Pato, meu amor, e patos muito bonitos. Onde deixamos o pão para alimentá-los? Ora, ora, acho que estou sentada nele...”

Outra rajada de vento afugentou a imagem daquele momento de ternura. Lily sentiu o rosto úmido e uma pontada dolorosa no peito.

– Ah, Nicole... – sussurrou.

Respirou fundo para tentar aliviar o incômodo, mas não adiantou. O pânico a dominou. Às vezes, Lily conseguia entorpecê-lo com bebida ou jogos de azar, fofocas ou caçadas, mas eram fugas temporárias. Ela queria a filha de volta. *Meu bebê... Onde você estiver, vou encontrá-la... A mamãe já vai, não chore, não chore...* O desespero era como uma faca sendo cravada cada vez mais fundo. Ela precisava fazer alguma coisa imediatamente, ou enlouqueceria.

Lily deu uma risada alta e imprudente que assustou os homens próximos e descalçou os sapatos de salto. A pluma cor-de-rosa do chapéu ainda era visível na água.

– Meu pobre chapéu está quase afundando! – gritou ela, e jogou as pernas por cima da amurada. – Pelo visto não há nenhum cavalheiro de verdade aqui. Vejo que terei eu mesma que resgatar!

E, antes que alguém pudesse impedi-la, saltou do barco.

O rio se fechou sobre ela, uma onda passando rapidamente pelo lugar onde caíra. Algumas mulheres gritaram. Os homens examinavam a água agitada com expressões ansiosas.

– Meu Deus! – exclamou um deles.

Os outros pareciam surpresos demais para falar.

Até mesmo o rei, ao ser informado por seus camareiros do que estava acontecendo, se adiantou em seu passo vacilante para dar uma olhada, pressionando o corpanzil contra a amurada. Lady Conyngham, uma mulher grande e bonita, de 54 anos, que se tornara sua amante mais recente, juntou-se a ele com uma exclamação de espanto.

– Eu já disse isso antes, não disse? Essa mulher é louca! Que o céu nos ajude a todos!

Lily permaneceu submersa por um instante a mais do que o necessário. A princípio o frio da água foi um choque, paralisando seus membros e fazendo seu sangue gelar. As saias ensopadas a puxavam para a misteriosa escuridão fria. Não seria difícil deixar aquilo acontecer, pensou, entorpecida... Simplesmente deixar o corpo afundar, a escuridão envolvê-la... Mas uma pontada de medo impeliu suas mãos a se moverem como nadadeiras, impulsionando-a para a luz fraca acima. No caminho, Lily agarrou o pedaço de veludo encharcado que sentiu roçar em seu pulso. Então, irrompeu na superfície da água, piscando e sentindo o sal nos olhos e nos lábios. O frio intenso a apunhalava como se mil agulhas finas a perfurassem. Seu queixo batia violentamente, e, com um sorriso trêmulo, ela olhou para o grupo chocado no barco.

– Pegue-ei! – cantarolou, erguendo o chapéu, triunfante.

Alguns minutos depois, Lily foi puxada do rio por vários pares de mãos solidárias. Ela voltou ao barco com o vestido encharcado colado a cada curva do corpo, revelando uma figura esbelta e atraente. Um suspiro coletivo percorreu os convidados da embarcação. As damas a olhavam com um misto de inveja e antipatia, pois nenhuma outra mulher em Londres era tão admirada pelos homens. Qualquer uma que se comportasse de forma tão indecente era vista com pena e desprezo, já Lily...

– Lily Lawson pode fazer qualquer coisa, por mais abominável que seja, e os homens vão adorá-la ainda mais por isso! – reclamou lady Conyngham em voz alta. – Ela atrai o escândalo assim como o mel atrai as moscas. Se fosse qualquer outra mulher, sua reputação já teria sido arruinada dezenas de vezes. Mas nem meu querido George tolera críticas à Srta. Lawson. Como ela consegue?

– É porque ela se comporta como um homem – respondeu lady Wilton, com tom ressentido. – Jogos de azar, caçadas, xingamentos e conversas sobre política... Eles ficam encantados com a novidade, uma mulher com modos tão masculinos.

– Ela não *parece* muito masculina – resmungou lady Conyngham, observando as formas delicadas que o tecido molhado realçava.

Depois de confirmarem que Lily estava a salvo, os homens reunidos ao seu redor explodiram em gargalhadas e aplausos por sua ousadia. Ela afastou os cachos encharcados dos olhos, sorriu e fez uma reverência gotejante.

– Ora, esse *era* o meu chapéu favorito – disse, olhando para o amontoado de tecido em suas mãos, arruinado.

– Santo Deus! – exclamou um dos homens, admirado. – A senhorita é totalmente destemida, não é?

– Totalmente – confirmou ela, fazendo-os rir.

A água escorria por seu pescoço e pelos ombros. Lily passou a mão para tentar se enxugar um pouco e se virou para balançar vigorosamente os cabelos molhados.

– Será que algum de vocês, *caros* cavalheiros, poderia me trazer uma toalha e talvez uma bebida revigorante antes que eu morra de...?

Ela se interrompeu ao ver, por entre as mechas, uma figura imóvel.

Houve certa agitação quando os cavalheiros se dispersaram para buscar toalhas, bebidas quentes, qualquer coisa que a deixasse mais confortável. Mas o homem que estava a alguns metros de distância não se mexeu. Lily endireitou o corpo lentamente e jogou o cabelo para trás, retribuindo o olhar ousado. Era um estranho, e Lily não sabia por que a encarava daquele jeito. Estava acostumada com os olhares masculinos de admiração... mas aqueles olhos eram frios, sem emoção, e a boca do homem estava cerrada em uma expressão de desprezo. Lily ficou imóvel, o corpo esguio tremendo.

Ela nunca havia visto cabelos de um dourado tão imaculado ornamentando um rosto de feições tão satíricas. A brisa soprou as mechas para longe da testa do homem, revelando a ponta intrigante de um bico de viúva. O rosto aristocrático, bem-marcado, tinha uma dureza e uma obstinação que a impressionaram. Nos olhos, muito claros e brilhantes, Lily viu uma desolação que certamente a assombraria por muito tempo. Só quem já experimentara o desespero seria capaz de reconhecer esse mesmo sentimento em outra pessoa.

Profundamente perturbada pelo olhar do estranho, Lily deu as costas para ele e sorriu para os admiradores que se aproximavam, carregados de toalhas, capas e bebidas fumegantes. Buscou afastar da mente todos os pensamentos em relação ao desconhecido. Quem se importava com a opinião de um aristocrata enfadonho qualquer sobre ela?

– Srta. Lawson – comentou lorde Bennington com uma expressão preocupada –, temo que possa pegar um resfriado. Se desejar, ficarei honrado em levá-la até a praia em um barco a remo.

Ao se dar conta de que seus dentes batiam contra a borda do copo, impossibilitando-a de beber, Lily assentiu, grata. Estendeu a mão azulada de frio em direção ao braço de lorde Bennington e puxou-o para que abaixasse a cabeça. Seus lábios gelados se aproximaram da orelha do homem.

– Depressa, p-por favor – pediu em um sussurro. – A-acho que posso ter sido um pouco imp-pulsiva. Mas não c-conte a ninguém que eu d-disse isso.



Alex, lorde Raiford, um homem conhecido por sua autodisciplina e altivez, debatia-se com uma raiva inexplicável. Que mulher insana... Arriscando a saúde, até mesmo a vida, para se exhibir... Provavelmente alguma cortesã conhecida em certos círculos seletos. Ninguém que prezasse minimamente a própria reputação se comportaria de tal modo. Alex abriu as mãos e esfregou as palmas no casaco. Seu peito parecia muito apertado. A risada bem-humorada dela, o olhar vivaz, o cabelo escuro... Deus do céu, aquela mulher o fizera se lembrar de Caroline.

– Primeira vez que a vê, imagino.

Alex ouviu uma voz áspera, o tom divertido, falar perto dele. Sir Evelyn Downshire, um velho cavalheiro refinado que havia conhecido o pai de Alex, estava parado ao seu lado.

– Os homens sempre ficam com esse olhar quando a veem pela primeira vez. Ela me lembra de como era a marquesa de Salisbury. Mulher magnífica.

Alex desviou o olhar da criatura extravagante.

– Não sei se acho tão admirável – retrucou com frieza.

Downshire riu, revelando um conjunto de dentes de marfim cuidadosamente confeccionados.

– Se eu fosse jovem, a seduziria – comentou, pensativo. – Sim, faria isso com certeza. Ela é a última da espécie, você sabe.

– E essa espécie seria...?

– Na minha época, havia dezenas delas – continuou Downshire com um sorriso melancólico, parecendo pensar alto. – Era preciso habilidade

e inteligência para domá-las... E depois exigiam uma dedicação infinita... Ah, eram problemas em forma de mulher, mas problemas tão deliciosos...

Alex voltou a olhar para Lily. Seu rosto era muito delicado, pálido e de traços perfeitos, os olhos escuros ardentes.

– Quem é ela? – perguntou ele, como se estivesse em um sonho.

Quando não houve resposta, Alex se virou e percebeu que Downshire havia se afastado.



Lily desceu da carruagem e foi até a porta da frente de casa, na Grosvenor Square. Nunca se sentira tão desconfortável na vida.

– Bem feito para mim – murmurou para si mesma, subindo os degraus da frente enquanto o mordomo, Burton, a observava da porta. – Que idiotice, a minha.

O Tâmis, no qual era despejado todo o lixo de Londres, não era um lugar apropriado para banho. O mergulho havia deixado suas roupas e sua pele impregnadas com um odor profundamente desagradável. Os pés tremiam dentro dos sapatos molhados. O barulho estranho, para não mencionar a aparência da patroa, fez Burton franzir a testa pronunciadamente. Era uma expressão incomum em Burton, que em geral saudava as calamidades que Lily cometia sem demonstrar qualquer reação.

Nos últimos dois anos, Burton tinha sido a figura dominante na casa, dando o tom tanto aos criados quanto aos convidados. Ao receber os visitantes na casa dela, os modos severos de Burton deixavam claro que Lily era uma pessoa importante. Ele ignorava suas loucuras e aventuras como se não existissem, tratando-a como uma dama impecável, embora ela raramente agisse como tal. Lily sabia muito bem que não seria respeitada por seus próprios criados se não fosse pela presença imponente de Burton. Ele era um homem alto e barbudo, de circunferência considerável, a barba grisalha emoldurando o rosto severo. Nenhum outro mordomo na Inglaterra tinha aquela combinação exata de arrogância e deferência.

– Presumo que tenha aproveitado a festa no barco, senhorita – disse.

– Foi um sucesso – respondeu Lily, tentando soar animada.

Ela entregou a ele um chumaço de veludo encharcado, adornado por uma pena murcha. O mordomo olhou fixamente para o objeto.

– Meu chapéu – disse Lily.

Então entrou em casa sob o som guinchante dos sapatos, deixando um rastro molhado ao passar.

– Srta. Lawson, há uma pessoa aguardando a sua chegada na sala de visitas. Lorde Stamford.

Lily ficou encantada com a notícia.

– Zachary está aqui?

Zachary, lorde Stamford, um jovem sensível e inteligente, era um amigo querido de longa data. Era apaixonado pela irmã mais nova de Lily, Penelope. Infelizmente, também era o terceiro filho do marquês de Hertford, o que significava que jamais herdaria títulos ou riquezas suficientes para satisfazer os planos ambiciosos dos Lawsons. E, como estava claro que Lily jamais se casaria, os sonhos de ascensão social dos pais dela estavam concentrados em Penelope. Lily sentia pena da irmã mais nova, noiva do conde de Raiford... Um homem que, ao que parecia, Penelope sequer conhecia muito bem. Zachary devia estar sofrendo.

– Há quanto tempo Zachary está aqui? – perguntou Lily.

– Há três horas, senhorita. Ele alegou ser um assunto urgente. E afirmou que esperaria o tempo que fosse necessário para vê-la.

Lily ficou curiosa. Parada entre os corrimãos da escada dupla, olhou de relance para a porta fechada do salão.

– Urgente? Hum... Bem, vou até lá agora mesmo. Leve-o até a minha sala de estar, no andar de cima. Antes preciso me livrar destas roupas molhadas.

Burton assentiu, o rosto inexpressivo. A sala de estar, ligada ao quarto de Lily por uma pequena antessala, era reservada apenas aos conhecidos mais próximos dela. Poucas pessoas eram recebidas lá em cima, embora um número incontável ansiasse por ser convidado.

– Sim, Srta. Lawson.



Não foi nenhum sacrifício para Zachary esperar na sala de visitas de Lily. Mesmo em sua agitação, não pôde deixar de notar que algo no número 38 da Grosvenor Square fazia com que um homem se sentisse extraordinariamente confortável. Talvez tivesse a ver com o esquema de cores da decoração. A maioria das mulheres escolhia usar nas paredes os tons pastel da moda – azul,

rosa ou amarelo –, aliados a frisos e colunas brancas. A tendência da época em termos de mobília eram cadeiras douradas desconfortáveis, com almofadas escorregadias, e sofás com pernas delicadas que pareciam incapazes de suportar o peso de uma pessoa de verdade. Mas a casa de Lily era decorada com cores ricas e quentes e com móveis firmes, do tipo que convidava um homem a se sentar. As paredes tinham sido cobertas por cenas de caça, gravuras e alguns retratos de bom gosto. Ali havia reuniões frequentes de escritores, excêntricos, dândis e políticos, embora o suprimento de bebidas alcoólicas de Lily não fosse confiável – em certas ocasiões, abundante, e, em outras, incrivelmente escasso.

Ao que parecia, Lily estava muito abastecida naquele mês, pois uma das criadas se apresentou a Zachary com uma garrafa de bom conhaque e um cálice em uma bandeja de prata. Ela também lhe ofereceu um exemplar do *Times*, passado a ferro e costurado na dobra, e um prato de biscoitos açucarados. Disposto a desfrutar do bem-estar da recepção, Zachary pediu um bule de chá e relaxou lendo o jornal. Quando estava terminando o último biscoito, Burton abriu a porta.

– Ela chegou? – perguntou Zachary, ansioso, levantando-se de um pulo. Burton fitou-o com uma expressão implacável.

– A Srta. Lawson vai recebê-lo no andar de cima. Se me permite, vou lhe mostrar o caminho, lorde Stamford...

Zachary seguiu o mordomo pela escadaria curva, com balaústres intrinca-damente torneados e corrimão muito bem polido. Ele entrou na sala de estar, onde o fogo crepitante projetava sua luz de uma pequena lareira de mármore, iluminando as tapeçarias de seda em tons de verde, bronze e azul. Depois de um minuto ou dois, Lily apareceu na porta que ligava a sala ao seu quarto.

– Zachary! – exclamou, adiantando-se para segurar as mãos dele.

O jovem sorriu enquanto se inclinava para dar um beijo rápido no rosto macio. Seu sorriso congelou quando ele percebeu que Lily estava vestida com um roupão longo, os pés descalços aparecendo por baixo da bainha. Era um modelo bem comportado, o tecido pesado e grosso, a gola enfeitada com plumas de cisne, mas ainda assim era uma peça de roupa considerada “inapropriada”. Zachary deu um passo para trás em um movimento reflexo, assustado, mas não antes de perceber que o cabelo de Lily estava úmido, em tufo espetados, e ela exalava um aroma bastante... peculiar.

Ainda assim, continuava incrivelmente bela. Seus olhos eram escuros como o miolo de um girassol, sombreados por cílios grossos. A pele tinha um brilho

refinado, a linha do pescoço era delicada, imaculada. Quando Lily sorria, como fazia no momento, seus lábios se curvavam com uma doçura singular, tal qual uma garotinha angelical. Mas a aparência inocente era enganosa. Zachary já vira a amiga trocar os insultos mais sutis com dândis refinados, e logo depois gritar vulgaridades para um batedor de carteiras que tentara roubá-la.

– Lily? – disse ele, hesitante, e não pôde deixar de torcer o nariz quando respirou fundo novamente.

Ela riu da expressão do amigo e fez um gesto de “deixe isso para lá”.

– Eu teria tomado banho primeiro, mas você disse que era urgente. Peço desculpa por cheirar a *eau de gambá*... O Tâmis estava cheio de peixes hoje.

Diante do olhar perplexo de Zachary, Lily acrescentou:

– Uma rajada de vento jogou meu chapéu no rio.

– E jogou você junto? – perguntou Zachary, confuso.

Lily sorriu.

– Não exatamente. Mas não vamos falar sobre isso. Prefiro ouvir sobre o assunto que trouxe você à cidade.

Zachary apontou para o traje dela, ou melhor, para a falta dele, parecendo desconfortável.

– Você não gostaria de se vestir primeiro?

Lily fitou-o com um sorriso carinhoso. Certas coisas em Zachary jamais mudariam. Os olhos castanhos suaves, o rosto sensível, o cabelo bem penteado, uma combinação que lembrava um garotinho pronto para ir à igreja.

– Ah, não fique tímido, estou perfeitamente decente, Zachary. Não esperava tamanho recato da sua parte. Você já me pediu em casamento, lembra?

– Ah, sim, bem...

Zachary franziu a testa. Uma proposta que tinha sido feita e rejeitada tão rapidamente que ele quase havia esquecido.

– Até aquele dia, Harry era o meu melhor amigo. Quando ele a abandonou daquela forma covarde, senti que a única coisa decente que um cavalheiro poderia fazer era agir como seu substituto.

Aquilo fez Lily soltar uma gargalhada.

– Seu substituto? Meu Deus, Zachary, aquilo era um noivado, não um duelo!

– E você recusou o meu pedido – lembrou ele.

– Meu caro menino, eu o teria feito infeliz, da mesma forma que fiz Harry. Foi por isso que ele me deixou.

– Isso não é desculpa para ele ter se comportado de forma tão desonrosa
– afirmou Zachary, tenso.

– Em todo caso, fico feliz por ter acontecido. Caso contrário, eu nunca teria viajado pelo mundo com a minha excêntrica tia Sally, ela não teria me deixado sua fortuna, e eu estaria... – Lily fez uma pausa e estremeceu ligeiramente. – *Casada*.

Ela sorriu e se sentou diante do fogo, indicando com um gesto que Zachary fizesse o mesmo.

– Na época, eu só conseguia pensar no meu coração partido, mas me lembro do seu pedido de casamento como uma das coisas mais gentis que já me aconteceram. Uma das poucas vezes que um homem agiu de forma altruísta em meu nome. A única vez, na verdade. Você estava preparado para sacrificar a própria felicidade casando-se comigo só para salvar meu orgulho ferido.

– Foi por isso que você continuou sendo minha amiga por todos esses anos? – perguntou Zachary, surpreso. – Você conhece tantas pessoas elegantes e talentosas que sempre me perguntei por que me dá atenção.

– Ah, sim – retrucou Lily com ironia. – Perdulários, vagabundos e ladrões. Tenho mesmo muitos amigos, de todos os tipos... Sem falar da nobreza, dos políticos... – Ela sorriu para ele. – Você é o único homem decente que já conheci.

– Ser decente não me levou muito longe, não é mesmo? – comentou ele, o tom melancólico.

Lily o encarou, surpresa, perguntando-se o que poderia ter feito Zachary, um eterno idealista, parecer tão infeliz. Devia mesmo haver algo muito errado acontecendo.

– Zach, você tem muitas qualidades maravilhosas. Você é atraente...

– Mas não belo – observou ele.

– Inteligente...

– Mas não esperto. Nem um pouco.

– A esperteza geralmente nasce da malícia, o que, me agrada dizer, não é uma característica sua. Agora pare de me fazer elogiá-lo e me diga por que veio. – O olhar de Lily se tornou mais penetrante. – É Penelope, não é?

Zachary fitou a amiga com os olhos iluminados pelo fogo. De testa franzida, ele deu um longo suspiro e então falou:

– Sua irmã e seus pais estão hospedados com o conde em Raiford Park, cuidando dos preparativos para o casamento.

– Sim, faltam apenas algumas semanas – murmurou Lily, aquecendo os dedos dos pés descalços diante do fogo crepitante. – Não fui convidada. Mamãe morre de medo que eu faça alguma cena. – O som da risada de Lily tinha um toque de melancolia. – De onde ela pode ter tirado essa ideia?

– Seu passado fala por si... – tentou argumentar Zachary.

Lily o interrompeu, com uma impaciência bem-humorada.

– Eu sei, eu sei.

Lily não falava com a família havia algum tempo. Laços que tinham sido cortados anos antes por suas próprias mãos descuidadas. Na verdade, ela não sabia o que a levava a se rebelar contra as regras do decoro que a família tanto prezava, mas isso não importava mais. Afinal, Lily havia cometido erros pelos quais jamais seria perdoada. Os Lawsons a avisaram que ela nunca poderia voltar ao seio da família. Na época, Lily simplesmente riu diante da desaprovação deles. Agora, estava bem familiarizada com o gosto do arrependimento. Ela sorriu para Zachary com pesar.

– Nem mesmo eu seria capaz de fazer algo para envergonhar Penny. Ou, Deus me livre, para colocar em risco a perspectiva de ter um conde rico na família. O sonho mais fervoroso da minha mãe.

– Lily, você já conheceu o noivo de Penelope?

– Hum... Na verdade, não. Eu o vi de relance certa vez em Shropshire durante o início da temporada da caça ao tetraz. Alto e taciturno, foi o que me pareceu.

– Se aquele homem se casar com Penelope, a vida da sua irmã vai ser um inferno.

Zachary pretendia que a declaração fosse chocante, dramática, que instigasse Lily a agir imediatamente. Mas ela não se deixou impressionar. Franziu as sobrancelhas escuras e arqueadas e fitou-o com um distanciamento quase científico.

– Antes de mais nada, Zach, não há “se” nesse caso. Penny *vai* se casar com Raiford. Ela jamais desobedeceria aos desejos dos meus pais. Além disso, não é segredo que você está apaixonado por ela...

– E ela por mim!

– ... e, sendo assim, você pode estar exagerando a situação – disse Lily, e ergueu as sobrancelhas sugestivamente. – Hum?

– Nesse assunto eu não *teria como* exagerar! Raiford será cruel com ela. Ele não a ama, enquanto eu *morreria* por ela.

Zachary era jovem e melodramático, mas estava sendo sincero.

– Ah, Zach...

Lily sentiu uma onda de compaixão por ele. Mais cedo ou mais tarde, todos se viam amando alguém que nunca poderiam ter. Felizmente, uma vez fora o bastante para ela aprender essa lição.

– Você lembra que, muito tempo atrás, eu o aconselhei a convencer Penny a fugir com você, não lembra? Ou isso ou desonrá-la, para que meus pais se vissem obrigados a permitir o casamento. Mas agora é tarde, querido. Eles encontraram um patinho mais gordo do que você para depernar.

– Lorde Raiford não é um patinho – observou Zachary, o tom sombrio.
– Está mais para um leão... Uma criatura fria e indomável que vai fazer sua irmã sofrer pelo resto da vida. Aquele homem não é capaz de amar. Penelope tem pavor dele. Pergunte a seus amigos sobre ele. Pergunte a qualquer um. Todos dirão a mesma coisa: Raiford não tem coração.

Ora... Um homem sem coração. Lily já conhecera sua cota deles.

– Zachary – disse ela, com um suspiro de pesar. – Não tenho mais nenhum conselho a lhe oferecer. Eu amo a minha irmã e, naturalmente, adoraria vê-la feliz. Mas não há nada que eu possa fazer por vocês dois.

– Você poderia falar com a sua família – implorou o rapaz. – Poderia defender a minha causa.

– Zachary, você sabe que sou uma pária. As minhas palavras não têm importância alguma para eles. Não estou nas boas graças deles há anos.

– Por favor, Lily. Você é a minha última esperança. Por favor.

Lily olhou para o rosto angustiado do amigo e balançou a cabeça, impotente. Não queria ser a fonte de esperança de ninguém. Seu próprio suprimento de esperança havia se esgotado. Incapaz de permanecer sentada, ela se levantou e começou a andar pela sala, enquanto o rapaz permanecia mortalmente imóvel na cadeira.

Zachary falou, então, como se temesse que uma palavra mal escolhida fosse sua ruína.

– Lily, pense em como a sua irmã se sente. Tente imaginar como são as coisas para uma mulher que não tem a sua força, a sua liberdade. Assustada, dependente dos outros, desamparada... Eu sei bem que são coisas totalmente estranhas a alguém como você, mas...

Ele foi interrompido por uma risada cáustica. Lily havia parado de andar e estava diante da janela coberta por cortinas pesadas. Ela apoiou as costas

contra a parede e dobrou uma das pernas até que a ponta do joelho aparescesse através do grosso roupão marfim. Então, fitou Zachary com olhos cintilantes, uma expressão zombeteira, e deu um sorriso carregado de ironia.

– Totalmente estranhas – repetiu ela.

– Mas Penelope e eu estamos perdidos... Precisamos de alguém que nos ajude, que nos guie em direção ao caminho que deveríamos trilhar juntos...

– Nossa, querido, que poético.

– Meu Deus, Lily, você não sabe o que é amar? Não acredita no amor?

Lily se virou, puxando algumas mechas do cabelo curto e emaranhado. Então, esfregou a testa, cansada.

– Não, não nesse tipo de amor – respondeu ela, distraída.

Mas a pergunta do amigo a perturbou. De repente, ela desejou que ele e aquele olhar desesperado fossem embora.

– Acredito no amor que uma mãe tem por um filho. E no amor entre irmãos e irmãs. Acredito na amizade. Mas nunca vi um casamento romântico que durasse. Estão todos destinados a acabar por ciúme, raiva, indiferença... – Ela se forçou a olhar para ele com frieza. – Seja como qualquer outro homem, meu caro. Arrume um casamento vantajoso e depois uma amante que possa lhe dar todo o amor de que você precisa enquanto estiver disposto a sustentá-la.

Zachary se encolheu como se Lily tivesse lhe dado um tapa. E a encarou com uma expressão que ela nunca vira em seu rosto antes, os olhos suaves carregados de acusação.

– Pela primeira vez – disse ele, a voz instável –, estou conseguindo acreditar nas coisas que dizem a seu respeito. Me desculpe por vir aqui. Achei que você poderia me ajudar de alguma forma. Ou ao menos me consolar.

– Maldição! – explodiu Lily, usando seu xingamento favorito.

Zachary estremeceu, mas permaneceu sentado onde estava. Espantada, Lily percebeu que o anseio dele era grande àquele ponto e reconheceu sua esperança obstinada. E ela, entre todas as pessoas, deveria entender muito bem a maldição que era estar separada de quem se ama. Lily caminhou lentamente até Zachary e deu um beijo em sua testa, alisando o cabelo do rapaz para trás como se ele fosse um menininho.

– Me desculpe, Zach – murmurou ela com remorso. – Sou uma egoísta miserável.

– Não – disse ele, confuso. – Não, você é...

– Sou, sim, eu sou impossível. Claro que vou ajudar você, Zachary. Eu sempre pago minhas dívidas, e essa está pendente há muito tempo.

De repente, ela se afastou rápido e caminhou pela sala com energia renovada, os nós dos dedos na boca, como se fosse um gato se limpando freneticamente.

– Agora me deixe pensar... Vejamos...

Atordoado pela brusca mudança de humor da mulher à sua frente, Zachary ficou sentado onde estava, observando-a em silêncio.

– Terei que conhecer Raiford – disse Lily por fim. – Avaliar a situação por mim mesma.

– Mas eu já disse como ele é.

– Preciso formar a minha própria opinião. Se eu descobrir que Raiford não é tão cruel nem tão horrível quanto você está dizendo, não vou me envolver na situação.

Ela entrelaçou os dedos pequenos e os moveu para cima e para baixo, como se alongando-se antes de pegar as rédeas de um cavalo de passeio e partir para uma expedição de caça.

– Volte para o campo, Zach. Vou avisar quando tiver tomado uma decisão.

– E se você descobrir que estou certo sobre ele?

– Bem, nesse caso – respondeu Lily –, vou fazer todo o possível para ajudar você a ficar com Penny.

CONHEÇA OS LIVROS DE LISA KLEYPAS

De repente uma noite de paixão
Mais uma vez, o amor
Onde nascem os sonhos
Um estranho nos meus braços

OS HATHAWAYS
Desejo à meia-noite
Sedução ao amanhecer
Tentação ao pôr do sol
Manhã de núpcias
Paixão ao entardecer
Casamento Hathaway (e-book)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR
Segredos de uma noite de verão
Era uma vez no outono
Pecados no inverno
Escândalos na primavera
Uma noite inesquecível

OS RAVENELS
Um sedutor sem coração
Uma noiva para Winterborne
Um acordo pecaminoso
Um estranho irresistível
Uma herdeira apaixonada
Pelo amor de Cassandra
Uma tentação perigosa

OS MISTÉRIOS DE BOW STREET
Cortesã por uma noite
Amante por uma tarde
Prometida por um dia

CLUBE DE APOSTAS CRAVEN'S
Até que conheci você

editoraarqueiro.com.br

